

EMPREENDEDORISMO //

ESCOLAS INFANTIS DE ROBÓTICA CONQUISTAM MERCADO

Estudos indicam que 65% das crianças de hoje vão trabalhar em funções que ainda não existem

POR *Andrea Vialli*

Foi na sala de casa que Marlon Wanderlich começou a dar aulas de programação e robótica para crianças e adolescentes. Estudante de engenharia elétrica na Universidade Federal de Minas Gerais, fez uma especialização na França e voltou cheio de vontade de empreender. Com a ajuda da família e R\$ 500 de investimento, imprimiu alguns panfletos e saiu distribuindo nas escolas de Belo Horizonte. Os primeiros alunos vieram, o boca a boca funcionou e logo Wanderlich precisou de ajuda. Os irmãos Matheus e Marcelo se uniram à empreitada e um empréstimo de R\$ 10 mil de uma prima deu o empurrão para estruturar a Buddys, escola voltada para alunos de 5 a 17 anos.

As primeiras aulas começaram em 2013 e, até o ano seguinte, a empresa ainda funcionava no apartamento da família, conta Wanderlich, que chegou a ter 40 alunos na sala de casa. O salto veio em 2015, quando os empreendedores abri-

ram uma unidade na zona sul da capital mineira e estruturaram o projeto de expansão por meio de franquias. A entrada de um novo sócio, o primo Breno Leles, deu fôlego financeiro para os passos seguintes. Hoje a Buddys tem 18 unidades no país e faturou R\$ 1,5 milhão no ano passado – a meta é fechar 2018 com 50 unidades franqueadas. Nada mal para uma empresa jovem e gerida por jovens: a idade média dos quatro sócios é de 22 anos. “Ainda é um nicho de mercado, mas há um movimento de pais que querem que os filhos tenham acesso a esses conteúdos, e de filhos querendo aprender”, diz Wanderlich. O perfil dos alunos é majoritariamente de meninos entre 10 e 12 anos, das classes AB, que querem aprender a desenvolver seus próprios jogos e aplicativos.

Com o mesmo propósito atua a Happy Code, startup criada por Rodrigo Santos, ex-executivo da área de TI que, após um período nos EUA, notou o fascínio que a robótica despertava nas crianças, especialmente nos chamados nativos digitais, que já cresceram com um tablet ou um celular na mão. Um dos cursos mais procurados é o de drone autônomo, para alunos a partir de 8 anos. Mas o ensino de competências digitais vai além do aspecto lúdico, já que as profissões ligadas a tecnologia são promissoras. “Há um grande mercado a ser conquistado. Estudos mostram que 65% das crianças de hoje vão trabalhar em funções que ainda não foram inventadas”, diz Walter Fernandes Júnior, diretor comercial da Happy Code. A empresa já contabiliza 80 franquias no Brasil, dez na Europa (Portugal e Espanha), além de um escritório em São Francisco.



Breno, Matheus, Marlon e Marcelo, sócios na Buddys

UNIVERSIDADE

EMPRESAS 'FILHAS' DA UNICAMP GERAM 29 MIL EMPREGOS



Newton Frateschi,
diretor executivo
da Inova Unicamp

As empresas que nasceram no ecossistema de inovação da Unicamp já geram 28,8 mil empregos e faturam mais de R\$ 3 bilhões, valor uma vez e meia maior que o orçamento anual da própria universidade. É o que mostra um levantamento da Agência de Inovação Inova Unicamp, divulgado durante o evento InovaCampinas 2017, em outubro. A pesquisa aponta que este ano houve um crescimento de 14% no cadastro de empresas-filhas em relação a 2016. A geração de postos de trabalho nessas startups cresceu 31%, um cenário positivo mesmo com a economia retraída. No total, são 485 empresas ativas no mercado: 32% têm foco em TI, 28% são da área de consultoria e 19% de engenharia, enquanto as restantes se dividem entre os mercados de educação, saúde e bem-estar, alimentos e bebidas, marketing, tecnologias verdes, energia, telecomunicações, biotecnologia, química, agricultura e saúde animal. O estudo mostra ainda que 72% são pequenas e médias empresas e 91% ficam no estado de São Paulo.



Yinka Shonibare,
embaixador
do desafio

INCLUSÃO

DESAFIO DÁ US\$ 4 MI PARA PROJETOS DE MOBILIDADE

Uma competição global com o propósito de mudar a vida de pessoas com paralisia nos membros inferiores, com prêmios que somam até US\$ 4 milhões: esse é o foco do Desafio Mobilidade Ilimitada, uma iniciativa da Toyota Mobility Foundation, ligada à montadora japonesa, e da Nesta's Challenge Prize Centre, que promove premiações com foco em impacto social. As inscrições foram abertas em novembro de 2017 e os vencedores serão revelados em Tóquio em 2020. Para isso, o desafio está buscando equipes em todo o mundo que possam desenvolver soluções inclusivas para aumentar a mobilidade – serão premiados equipamentos com tecnologias inteligentes, de exoesqueletos e inteligência artificial a baterias e computação cognitiva. As inscrições podem ser feitas pelo site mobilityunlimited.org.

TECNOLOGIA

SEBRAE INVESTE R\$ 32 MILHÕES EM TURISMO CONECTADO

Até o fim de 2018, o Sebrae vai investir R\$ 32 milhões em 49 projetos na área de turismo inteligente. O objetivo é sensibilizar os pequenos negócios sobre a importância da tecnologia para quem atua no setor. Foram contemplados projetos de 17 estados, que passarão por dois anos de capacitação para estimular ideias e soluções que facilitem a interação do turista com sua viagem. O Sebrae concluiu recentemente o Mapa do Turismo Inteligente, uma nova forma de identificar iniciativas inovadoras no segmento.



Espanha: berço
do "turismo
inteligente"

EMPREENDEDORISMO //



Cassio Spina,
presidente da
Anjos do Brasil

BOM NEGÓCIO

STARTUP TRANSFORMA R\$ 1 EM R\$ 5,84

Um estudo realizado pela consultoria Grand Thornton e Anjos do Brasil mostra que a cada R\$ 1 investido em startups, são injetados pelo menos R\$ 5,84 na economia em um prazo de cinco anos. De dez economias emergentes analisadas, o Brasil é o penúltimo em porcentagem do PIB alocado em investimentos, à frente apenas da Turquia. Já China, Coreia do Sul e Singapura ocupam o pódio.

SUSTENTABILIDADE

LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO PARA ÁGUA ESCOLHE PROJETOS BRASILEIROS

O Brasil sediou pela primeira vez o Laboratório de Inovação da Água (WIL, na sigla em inglês), uma iniciativa global da ONG canadense Waterlution, que busca soluções para os desafios de gestão da água entre empreendedores, pesquisadores e terceiro setor. O encontro, realizado em novembro em São Paulo e Embu-Guaçu, reuniu mais de 80 participantes, entre técnicos, universitários e formadores de opinião, que foram desafiados a propor soluções relacionadas à conservação da água, reúso, recuperação de nascentes e novas tecnologias de acesso. Ao fim do programa, foram apresentadas 11 inovações,

entre aplicativos, soluções de tratamento e trabalhos junto às comunidades, que estão sendo analisadas pela curadoria do evento para receber apoio e acelerar seu desenvolvimento em 2018. De acordo com Dawn Fleming, curadora do WIL Brasil, a iniciativa faz parte da mobilização para o Fórum Mundial da Água, que será abrigado pela primeira vez no Brasil em 2018, em Brasília. "Os desafios relacionados à gestão da água estão crescendo no mundo todo, e o Laboratório busca tratar esses dilemas dentro de um contexto local", afirma. A iniciativa já passou por Canadá, Escócia, Holanda, Índia e Portugal.

HACKATHON

MARATONA CONTRA A MOROSIDADE DO JUDICIÁRIO

Um hackathon (maratona de programação) foi promovido pela Associação dos Advogados de São Paulo (AASP) em novembro, com o objetivo de buscar soluções para reduzir a morosidade do Judiciário brasileiro. Em média, a tramitação de um processo em primeira instância no país leva 4 anos e 4 meses. Parte dessa demora é causada pelo deslocamento físico dos processos, pois alguns tribunais ainda não conseguiram digitalizar a papelada. O Legal Hack, como foi chamado o evento promovido pela Shawee, startup de educação corporativa e organização de hackathons, reuniu

programadores para utilizar a juri-metria, conceito que usa dados do Judiciário, processos estatísticos e tecnologia para auxiliar a tomada de decisão do setor jurídico de uma empresa ou organização. Segundo Rodrigo Terron, sócio e fundador da Shawee, o hackathon é um dos elos dessa corrente, que inclui a aproximação com as comunidades de desenvolvedores, conexões com o ecossistema de startups e interação. "O desafio está exatamente aí, todos os envolvidos precisam surfar a mesma onda no mesmo tempo que o mundo, já que os processos se transformam", explica.



Rodrigo Terron,
fundador da
Shawee

NÚMEROS

UM TERMÔMETRO DO INVESTIMENTO DE IMPACTO SOCIAL

A Vox Capital, gestora de fundos de venture capital que tem entre seus cofundadores Antonio Moraes Neto, quarta geração da família proprietária do grupo Votorantim, foi a pioneira em trazer o conceito do investimento de impacto social ao Brasil, em 2009. Com dois fundos de investimento, a gestora busca empresas inovadoras que utilizam tecnologias para oferecer soluções para a população de baixa renda nos segmentos de saúde, educação e serviços financeiros. De acordo com Daniel Izzo, co-fundador e CEO da empresa, o processo de avaliação de novos negócios leva de seis meses a um ano, e a concorrência tem sido acirrada. "Hoje há menos dinheiro disponível no venture capital em razão da crise, mas por outro lado nunca houve pessoas tão boas, tão qualificadas nas startups", afirma Izzo. Alguns números da empresa:

R\$ 113 MILHÕES
em recursos sob gestão

2 fundos de investimento | **1,9 MILHÃO** de pessoas atendidas pelo portfólio em 2017

2.000 empreendedores analisados | **7** empresas sob gestão

3 SETORES-ALVO
(educação, saúde, serviços financeiros)

11 EMPRESAS INVESTIDAS



Chiara Gadaleta, empresária e dona do portal Ecoera

INTERNET

PROJETO ECOERA GANHA MARKETPLACE DE PRODUTOS SUSTENTÁVEIS

O Projeto Ecoera, criado pela empresária Chiara Gadaleta para dar visibilidade a iniciativas de sustentabilidade na moda, acaba de ganhar um portal de conteúdo sobre o tema que funcionará também como um marketplace para marcas que trabalham com moda, beleza, design, gastronomia e turismo sustentáveis. Chiara acumula uma trajetória de 25 anos no universo da moda – foi modelo, stylist, produtora de eventos e dona da marca Tarântula – e há nove anos vem se dedicando a avaliar os impactos socioambientais da cadeia produtiva do setor. Chegou a criar um prêmio para as empresas mais sustentáveis do ramo, com base na metodologia do Sistema B. "Nos últimos anos, a moda foi invadida pelo fenômeno do fast

fashion. Queremos mostrar que é possível, por meio do consumo consciente, buscar alternativas de impacto socioambiental positivo", explica. Os produtos (cerca de mil itens) e serviços que estarão no portal foram selecionados após a avaliação de quatro pilares – social, ambiental, cultural e econômico –, e estão divididos por categorias (orgânicos, veganos, produção local, produção artesanal, reúso, projeto social, empresa consciente, reciclado). A intenção é que o portal seja colaborativo, com espaço para que os internautas sugiram novas marcas e projetos para serem apoiados. De acordo com a empreendedora, a projeção é de que o Ecoera movimente R\$ 8 milhões no primeiro ano de operação.